



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 29 | 2012

Percursos da Filosofia do Conhecimento no século XX
em Portugal e no Brasil

Hidácio de Chaves e a Galécia do século V

representações mentais de um clérigo nos “confins do mundo”

Hidácio de Chaves and 5th Century Galécia: Mental Representations of a Cleric at the “Outer Reaches of the World”

Mário de Gouveia



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1132>

DOI: 10.4000/cultura.1132

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2012

Paginação: 201-216

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Mário de Gouveia, « Hidácio de Chaves e a Galécia do século V », *Cultura* [Online], Vol. 29 | 2012, posto online no dia 06 novembro 2013, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1132> ; DOI : 10.4000/cultura.1132

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Hidácio de Chaves e a Galécia do século V

representações mentais de um clérigo nos “confins do mundo”

Hidácio de Chaves and 5th Century Galécia: Mental Representations of a Cleric at the “Outer Reaches of the World”

Mário de Gouveia

- 1 A *Crónica* de Hidácio de Chaves tem merecido particular atenção na bibliografia ibérica enquanto fonte para o estudo das sociedades cristãs hispânicas durante a Antiguidade Tardia¹. Esta situação parece dever-se ao facto de se tratar de um dos escassos testemunhos para a compreensão de um período da história da Hispânia cuja análise, dado o carácter parcelar das fontes, assenta sobretudo num conjunto de hipóteses explicativas com um grau de fiabilidade muito variável. Grande parte das observações que têm sido feitas sobre esse período – e referimo-nos tanto aos textos de análise como aos de síntese que têm sido publicados nos últimos anos, alguns dos quais são contributos historiográficos bastante inovadores nas suas linhas gerais de interpretação e problematização² – reside na crítica interna de obras concebidas e redigidas por autores orientados por uma mundividência cristã, segundo a qual o valor atribuído à história releva de um aspecto essencial: o homem é um agente determinado por desígnios de origem divina, e, nessa qualidade, a sua função no mundo consiste na exaltação dos mistérios de Deus e da Igreja, no correcto prosseguimento da empresa de salvação da Humanidade na observância da fé cristã.
- 2 A obra de Hidácio de Chaves é herdeira das concepções historiográficas de autores em que esta ideia é uma realidade dominante³. A visão pessimista que o cronista hispânico nos transmite do seu tempo, e que, na verdade, nos permite integrá-lo num mais alargado sistema de representações mentais característico da latinidade cristã, inspirado nas obras de Lactâncio, Eusébio de Cesareia, Agostinho de Hipona e Orósio de Braga, é matizada por uma concepção da intervenção da Providência divina no curso da história. Para o autor, Deus é uma personagem que age e interage na sucessão dos acontecimentos históricos, com vista a regular o destino dos homens na luta entre o bem e o mal. Os múltiplos

prodígios que o autor recorda ao longo do texto são disso um exemplo, uma vez que são vistos como signos divinos cuja função está relacionada precisamente com a necessidade de se encontrar nos fenómenos naturais o prognóstico dos acontecimentos futuros.

- 3 Para Hidácio, a manifestação e a intervenção do invisível são talvez os únicos mecanismos que permitem pôr termo ao clima de profunda crise e instabilidade vivido na sua província de origem, a Galécia, na sequência da entrada dos Suevos, Vândalos e Alanos no território hispânico nos inícios do século V. É à luz desta afirmação que devemos interpretar o sentido de algumas passagens da sua obra em que se procura fazer o contraponto civilizacional entre os Romanos e os Germanos, pelo que ela é acima de tudo reveladora de um autor comprometido com a realidade do seu tempo. O conhecimento que este possui do passado, tal como a interpretação que subjaz à sua visão do presente, tem origem não só nas suas próprias perspectivas sobre o devir, tributárias, por sua vez, da instrução cultural e intelectual que recebeu tanto na Hispânia, como noutros contextos de formação para a vida clerical⁴ – que o próprio autor considera ter sido incompleta, para além de concentrada mais na aprendizagem das ciências profanas do que das sagradas⁵ –, mas ainda na leitura que o cronista fez das obras de outros autores da época, igualmente permeáveis ao tópico literário da *romanidade resistente*, numa conjuntura de acelerada desagregação institucional do Império Romano.
- 4 O contexto em que Hidácio redige a sua obra está longe de lhe proporcionar uma visão serena do presente, ou sequer uma mais isenta percepção do passado. Para o autor, o que interessa é fazer o relato dos acontecimentos tal como ele os presenciou ou interpretou. Os seus destinatários são os Cristãos e aqueles que servem Cristo na verdade. Esta imagem está patente no prólogo da obra, onde expõe os objectivos subjacentes ao seu escrito: transmitir às gerações vindouras um testemunho susceptível de não fazer cair no esquecimento a situação de catástrofe vivida na Hispânia, no quadro das grandes etnomigrações bárbaras⁶. Para o efeito, adopta uma posição pessimista relativamente ao futuro que radica na análise de dois momentos do passado recente: por um lado, o período que decorre de 379 a 455, ou seja, do momento em que Teodósio I é associado ao governo do Império por Graciano até à morte de Valentiniano III; e, por outro, o período que vai desta última efeméride ao termo da narrativa cronística em 469, num quadro de confrontos militares entre os Suevos e os Visigodos que culminou com o lançamento de um último e trágico prognóstico sobre o destino incerto da Hispânia.
- 5 No primeiro caso⁷, a situação parece dever-se ao facto de Hidácio manifestar uma certa confiança relativamente à acção política da dinastia inaugurada por Teodósio I, nos finais do século IV, e representada pelos seus dois sucessores na púrpura imperial, Honório e Valentiniano III, até aos meados do século V. Esta confiança traduz-se no respeito que o autor manifesta para com os membros da Casa teodosiana, tal como na ideia de lealdade que várias vezes exprime para com os representantes do poder imperial. Em contraponto, materializa-se também na expressão de hostilidade relativamente aos usurpadores do poder simbolizado e legitimamente representado por aquela Casa dinástica, tal como a outros elementos potenciadores da situação de instabilidade vivida no território hispânico, que logicamente identifica com as populações bárbaras. Embora pessimista, a sua visão está marcada por um sentimento que ainda alimenta a esperança de poder ver reconstituída uma Hispânia romana perdida, segundo a qual o imperador é não só a figura que preside aos destinos políticos de um território onde a colaboração entre Romanos e Germanos é, de facto, possível – recorde-se que Hidácio nos fala da presença dos Visigodos na Hispânia como resultado de um acordo de cooperação com o Império –, mas

também a entidade responsável pela mediação dos conflitos com outras forças peninsulares, como os Suevos.

- 6 No segundo caso⁸, a questão parece estar relacionada com o facto de as últimas entradas da sua narrativa nos apontarem para uma situação de perda de confiança relativamente à ideia de reversibilidade da crise institucional. Neste contexto, o poder imperial, representando embora uma força activa e dotada de uma identidade política própria num mundo em rápida transformação, é visto como um poder obsoleto, incapaz de inverter uma situação de desequilíbrio que se torna cada vez mais inquietante ou sequer de conter o avanço militar dos Visigodos, orientados para a conquista progressiva de todo o território peninsular. Se a situação é grave no plano político, o facto é que também não deixa de o ser no plano religioso, sobretudo depois do alastramento do Arianismo germânico ao conjunto da população. É a partir daqui que assistimos à proliferação de notícias sobre a ocorrência de prodígios naturais e sobrenaturais, vistos não só como prenúncios de um futuro próximo dominado por acontecimentos funestos, mas também como expressões do castigo imposto por Deus e pela Providência divina pelas impiedades e sacrilégios cometidos ao longo dos anos.
- 7 Estas ideias devem ser analisadas enquanto elementos estruturais da sua narrativa cronística. Com base nas obras dos seus antecessores⁹, Hidácio de Chaves, auto-intitulado «ignarus indignissimus omnium seruatorum Dei»¹⁰, procurou consignar por escrito o relato dos acontecimentos ocorridos, entre 379 e 469, no território da Galécia, criado na sequência da reorganização administrativa do Império sob Diocleciano, de que resultou a formação da diocese das Hispânicas. Perfilhando de um intenso sentimento de romanidade, embora encarado já numa perspectiva essencialmente provincial, a narrativa de Hidácio só se pode compreender à luz de uma conjuntura marcada pelos efeitos das grandes etnomigrações bárbaras¹¹.
- 8 É sabido como, na sequência do processo de desmilitarização da fronteira do rio Reno empreendido por Estilício, Suevos, Vândalos e Alanos penetraram no território da Gália logo nos inícios do século V e, poucos anos depois, alcançaram as fronteiras montanhosas da Hispânia. Alguns anos volvidos, num contexto em que se tinha tornado inevitável o aumento da pressão exercida pelos seus oponentes romanos na Aquitânia, os Visigodos, transferindo-se para além dos Pirenéus, iniciaram a conquista militar do território hispânico. Partindo deste contexto, Hidácio apresenta-nos ao longo da sua obra um sucinto embora valioso relato dos combates que se prolongaram de forma intermitente durante vários decénios e que, na sua perspectiva, condicionaram a evolução da história cristã peninsular. Ao assistir ao extermínio dos Alanos e ao recordar a partida dos Vândalos para o Norte de África sob Genserico, Hidácio faz de Romanos, Suevos e Visigodos os protagonistas por excelência do palco político em que se desenrola a conjuntura de crise que caracteriza a Hispânia na primeira metade do século V.
- 9 Os primeiros parágrafos da sua narrativa remetem-nos para a historiografia de Eusébio de Cesareia, escrita sob a influência das cronografias e fastos consulares entre os finais do século III e os inícios do IV, e, segundo o autor, amplamente divulgada no território hispânico¹². Sob a mediação de Eusébio, o Flaviense teve provavelmente conhecimento da história dos primeiros séculos da Igreja, dos relatos associados à pregação da Boa Nova por Cristo e os Seus seguidores, tal como à progressiva emergência do martírio como fenómeno de emulação do exemplo representado pelo Salvador dos Homens e à construção, por via letrada, de uma complexa ideologia de providencialismo no Império cristão de Constantino, que contribuiu para a significativa projecção da fé mesmo nas

regiões mais periféricas do espaço imperial. Outra fonte para a elaboração da sua narrativa foi a obra de Jerónimo, ao qual reconhece a versão latina do texto originalmente escrito por Eusébio em Grego, tradução efectuada já nos finais do século IV e que teve em linha de conta não só a transposição linguística do texto original, mas também alguns acrescentos à primeira versão¹³. Embora não sendo explícito quanto a este facto, é natural que subjaza a esta constatação o uso hidaciano da versão transmitida por aquele último autor. Mas isto não significa que Hidácio se tenha pautado pelos mesmos critérios dos historiôgrafos anteriores. O Flaviense apresenta alguns particularismos que passamos agora a enunciar.

- 10 Ainda na pegada dos seus antecessores, Hidácio pretendeu escrever uma história universal. Acabou, contudo, por se cingir praticamente à história hispânica. Parte substancial da sua narrativa caracteriza-se por um interesse quase exclusivo pela história da Hispânia, e, em particular, das monarquias suévica e visigótica. A tónica é dominante ao longo de todo o texto: para Suzanne Teillet, este sentimento de hispanidade faz com que a crónica de Hidácio se afirme como uma «primeira história nacional»¹⁴. Não obstante, o autor manifesta também uma clara visão universal e imperial da história, patente no facto de considerar a Hispânia, e, em particular, a Galécia, como a mais ocidental província do Império Romano. Paralelamente, os Romanos são ainda parte fundamental da sua estrutura narrativa, nela desempenhando a função de representantes de uma cultura que importa recuperar e salvaguardar num contexto de crise e instabilidade política.
- 11 Estamos, por conseguinte, a falar de uma obra que alia o sentimento de hispanidade ao de romanidade. Este tópico está presente em perícopes narrativas que apontam para a integração da província da Galécia nas dinâmicas civilizacionais de Roma. Neste ponto, o autor mostra-se particularmente interessado em aludir a factos que se coadunam com a conservação da autoridade do imperador sobre a Hispânia. Mostra-se consciente da existência de um paradigma político imperial a que também ele, como membro da hierarquia eclesiástica provincial, procura vincular-se. Mas não deixa de manifestar consciência relativamente a factos responsáveis pela subversão dessa ordem política, em certa medida resultantes da entrada das populações bárbaras no território peninsular, tal como dos tumultos provocados pela sua movimentação no quadro de numerosas e consecutivas acções militares.
- 12 Para além da crónica redigida pelo próprio, não dispomos de nenhuma outra fonte que nos fale do percurso biográfico do prelado¹⁵. Estamos, portanto, limitados a conhecer o autor através das palavras que ele próprio escreveu. Embora Hidácio se apresente como o continuador das obras de Eusébio de Cesareia e Jerónimo, procurando desta forma inscrever-se num sistema de produção e transmissão do saber representado por estes dois autores, não encontramos nas fontes coevas nenhuma referência à sua acção enquanto bispo ou sequer enquanto cronista¹⁶, para além da passagem que muito sumariamente se lhe refere na correspondência entre o papa Leão e o bispo Toríbio de Astorga, que, a bem dizer, pouco nos diz acerca do seu percurso letrado.
- 13 Isto significa que qualquer tentativa de reconstituição e compreensão da biografia de Hidácio repousa na análise da sua própria narrativa, resultando, à partida, de uma visão interessada dos factos. Através dela, ficamos a saber que o autor nasceu na província hispânica da Galécia, mais concretamente num local situado nas imediações de Ganzo de Limia. A data de ocorrência do acontecimento, contudo, é-nos desconhecida. Sabemos que o autor terá feito uma viagem ao Oriente em tenra idade, durante a qual terá entrado em

contacto com personalidades cuja biografia já nos é mais familiar. A referência, entre outras, a João de Jerusalém, tal como a Eulógio de Cesareia, Teófilo de Alexandria e Jerónimo, que diz ter visto pessoalmente, tal como a alusão à notoriedade alcançada por estes autores em conjunto com Epifânio de Chipre¹⁷, morto em 403 e que não chega a ser incluído na lista das personalidades com que terá contactado directamente¹⁸, levam-nos a considerar a hipótese de a sua viagem ter ocorrido depois deste ano. Se admitirmos como verdadeira a data da entrada cronística em que o autor nos fala do contacto mantido com aquelas personalidades, e que coincide com um período posterior à morte de Epifânio, somos levados a situar a sua viagem por volta de 406 ou 407. Dada a inexistência de qualquer dado que nos remeta para a idade precisa com que terá feito a viagem, não temos forma de conhecer com rigor o momento em que o cronista terá nascido. Se desconhecemos o tempo que terá durado a sua estadia no Oriente, é provável que tenha regressado à Galécia ainda antes da entrada dos Bárbaros na Hispânia, que descreve como se se tratasse de um testemunho directo¹⁹. Reunindo todos estes dados, Alain Tranoy pronunciou-se a favor da identificação do seu nascimento em data situada em torno do ano de 395, o que faria de Hidácio um menino com cerca de onze ou doze anos no momento em que se terá dirigido ao Oriente, e um bispo com cerca de setenta e quatro ou setenta e cinco anos, no momento em que é finalizada a *Crónica*.

- 14 Não temos mais nenhuma outra informação sobre o seu percurso biográfico até ao ano de 416, ao qual Hidácio atribui a sua conversão²⁰. Ao empreender uma viagem ao Oriente em 407, numa fase formativa do seu percurso cultural e intelectual – o cronista diz-se «et infantulus et pupillus»²¹ –, Hidácio teve a oportunidade de contactar com algumas personalidades célebres da época, como os bispos João de Jerusalém, Eulógio de Cesareia, Epifânio de Chipre e Teófilo de Alexandria, para além do monge Jerónimo de Belém²². Décadas mais tarde, já na qualidade de bispo de Chaves, Hidácio manteve contactos com o presbítero Germano, vindo da Arábia²³, sendo provável que a embaixada por si conduzida à Gália, em 431, para solicitar a mediação do *dux* Aécio na negociação da paz com os Suevos – seguramente a figura que dispunha de meios de acção mais eficazes na região, não obstante o facto de o bispo ter regressado à Galécia um ano mais tarde acompanhado pelo *comes* Censório, enviado de Aécio – se tenha saldado por novas diligências, no plano cultural, junto de algumas das mais influentes personalidades eclesiásticas da época²⁴.
- 15 João de Jerusalém, sucessor de Cirilo na cátedra episcopal, entre 386 e 417, e provável autor de obras de catequese mistagógica e de uma confissão de fé, destacou-se não só pelo facto de ter mantido uma controvérsia origenista com Epifânio e Jerónimo – as fontes para o estudo desta problemática são sobretudo a *Carta 51* e o *Contra João de Jerusalém*, deste último autor, relativamente às quais o prelado se justificou numa memória endereçada a Teófilo de Alexandria –, mas também por se ter visto envolvido na controvérsia motivada pela recepção de Pelágio em Jerusalém, que culminou com a participação do bispo no Concílio de Dióspolis-Lida e a declaração de inocência a favor deste último.
- 16 Epifânio, bispo de Salamina entre 368 e 403, nasceu na Palestina e recebeu a sua primeira formação cultural e intelectual no Egipto, em meios afectos a doutrinas cristocêntricas de compromisso entre o literalismo e o alegorismo, que abandonou para regressar à sua terra de origem e aí fundar um cenóbio, onde desempenhou funções como presbítero e superior hierárquico do colégio religioso durante vários anos. Ao acompanhar a formação e a difusão das heresias, interveio no confronto doutrinal antinicensino e na luta contra várias heresias cristãs, que denunciou e procurou erradicar, em particular o Ebionismo, o

Gnosticismo e o Maniqueísmo, que, na sua alegada teatralidade helenizante, considerava indignas de uma cultura atenta à simplicidade da mensagem da Palavra Revelada. À frente do governo da diocese de Salamina e das suas igrejas sufragâneas, destacou-se por uma acção eminentemente catequética e pastoral, atenta aos fundamentos da fé, tal como pela promoção do exemplo da vida ascética como garantia de unidade da Igreja. Como heresiólogo, comungou das posições de Alexandria e Roma relativamente ao cisma antioqueno, assumindo um certo destaque na luta contra o Origenismo após o seu envolvimento na campanha de Teófilo contra os Grandes Irmãos e a sua Cristologia subordinista, em associação a alguns dos expoentes do Arianismo.

- 17 Teófilo, por fim, bispo de Alexandria entre 385 e 412 e autor de comentários de livros das Sagradas Escrituras e de escritos contra Orígenes e João Crisóstomo, para além de cânones eclesiásticos e sentenças morais, afirmou-se em primeiro lugar na luta contra o Paganismo no Egipto, sendo a destruição do Serapeu e da sua biblioteca um dos principais testemunhos desta sua política religiosa; e, logo depois, como agente nas negociações que levaram à celebração da paz eclesiástica, no quadro do cisma de Antioquia e da polémica entre Jerónimo e Rufino. Partilhando das ideias de Orígenes, primeiro, e tornando-se seu adversário, depois, condenou-o em sínodo e perseguiu os Grandes Irmãos e João Crisóstomo. Participou num sínodo em Constantinopla, acabou por encontrar novos apoiantes e dirigiu novas acusações contra Crisóstomo, as quais levaram à deposição e ao subsequente exílio do patriarca. Os tumultos que se seguiram terminaram com a fuga de Teófilo de Constantinopla e o lançamento de um apelo a Inocêncio I, que, no entanto, o excomungou.
- 18 Numa análise de conjunto, estas figuras associam-se a episódios da história do Cristianismo oriental de que Hidácio, enquanto discípulo, também acaba por fazer parte. É difícil saber-se até que ponto o contacto com estas personalidades, e, em particular, com a acção que cada um desempenhou na defesa da ortodoxia religiosa, numa conjuntura minada pela emergência de vários focos de heresias cristãs, poderá ter influenciado o pensamento do autor nesta fase formativa do seu percurso cultural e intelectual. A sua crónica é omissa quanto a este aspecto, embora não deixe de transparecer uma certa atenção relativamente à observância das doutrinas eclesiásticas ortodoxas em oposição às formas emergentes de heresia, como o Priscilianismo. O facto é que a sua acção neste plano também ficou marcada pela recepção de obras de autoria bastante diversa, aspecto aparentemente inusitado num território periférico como o era o da Igreja flaviense nos finais do século V. Nos seus escritos, Hidácio refere o facto de ter recebido, em 436, as cartas de Cirilo de Alexandria a Nestório de Constantinopla²⁵; e, em 450, as cartas de Flaviano de Constantinopla a Leão Magno, com as respectivas respostas; para além de escritos de Cirilo de Alexandria ao mesmo Nestório; bem como outras cartas redigidas por diversos prelados e enviadas a várias igrejas²⁶. Simultaneamente, demonstra ter tido conhecimento das obras de autores como Teófilo de Alexandria, identificada, neste caso, com uma listagem de cômputo pascal²⁷; e Sulpício Severo, associado à célebre hagiografia martiniana²⁸; para além de Paulino de Béziers, aqui representado por uma carta acompanhada pelo relato de terríveis prodígios ocorridos na Gália²⁹. Entre outros, inclui no seu floruit autores como Ambrósio de Milão, Martinho de Tours, João de Constantinopla, Jerónimo de Belém, Agostinho de Hipona e Paulino de Nola, cujas obras são referenciadas ao longo da narrativa como modelos exemplares de literatura cristã. Mesmo na eventualidade de não terem sido directamente lidas e comentadas pelo Flaviense, têm pelo menos o mérito de integrar a lista dos autores que Hidácio, e,

porventura, os representantes da hierarquia eclesiástica hispânica na Galécia do século V, considera como referências culturais do seu tempo.

- 19 Em relação a alguns destes textos, e, em particular, às cartas recebidas em 436 e 450, Hidácio parece exprimir a vontade de se inteirar do conteúdo das heresias cristãs, com particular relevo para as que eram então defendidas por Nestório e Êutiques a favor do Monofisismo, condenado pelo Concílio de Calcedónia, em 451. Embora o autor não esclareça verdadeiramente a razão pela qual recebeu estes escritos, é provável que este interesse tivesse derivado do facto de também ele ter desempenhado um papel determinante na luta contra a propagação das heresias, visto ter protagonizado juntamente com o bispo Toríbio de Astorga, em 445, um processo interrogatório contra alguns Maniqueus da Galécia, cujos resultados foram posteriormente enviados ao bispo Antonino de Mérida³⁰. Refira-se ainda que o próprio Hidácio manifesta ter conhecimento de escritos atribuídos a Leão Magno contra as posições defendidas por Prisciliano, entre as quais uma exposição completa, dirigida a Toríbio, sobre a observância da fé católica e o grau de blasfémia em que incorriam os heréticos³¹. A este respeito, não deixa de ser interessante notar que parte dos seus conhecimentos sobre a difusão do Priscilianismo advenha do manuseio das actas conciliares – com destaque para os cânones do Concílio de Toledo reunido no ano de 400 –, o que indica que esta fonte se encontrava já disponível na Igreja de Chaves décadas antes da muito divulgada sistematização pseudo-isidoriana³². Como o recorda o autor, uma das tónicas recorrentes ao longo do texto é a do perigo representado pelos focos de heresias cristãs, cuja difusão no Noroeste hispânico se tornou particularmente virulenta pelo menos desde a morte de Prisciliano³³. Não é aleatório que tenha sido precisamente no instrumento canónico da Igreja que Hidácio tivesse procurado encontrar as respostas mais esclarecedoras para as suas dúvidas sobre a forma correcta de se pensar e agir.
- 20 Algumas alusões dispersas à profecia de Daniel, associadas a acontecimentos como o casamento de Ataúlfo e Gala Placídia em Narbona, em 414³⁴, ou a reconversão das igrejas católicas de Cartago ao Arianismo, na sequência da conquista da cidade pelo vândalo Gaiserico, em 439³⁵ – referência novamente conotada com um desvio à norma religiosa definida pelo Catolicismo³⁶ –, sugerem uma atenção particular do autor ao estudo das Sagradas Escrituras, base fundamental de toda a formação cultural e intelectual dos clérigos da época. Em termos gerais, elas completam o quadro das leituras atribuíveis ao bispo de Chaves, não sendo por isso de se admirar que, na sequência da profecia de Daniel, o cronista compare a destruição da cidade de Braga pelos exércitos visigóticos comandados por Teodorico II, em 455, e a subsequente profanação dos seus lugares santos – tanto mais nefasta, quanto ocorrida no dia do Senhor –, com a destruição do Templo de Jerusalém, sinal explícito do castigo imposto pela cólera divina³⁷. A comparação não só é simbólica, como demonstra bem a ressonância de alguns dos mais significativos episódios das Sagradas Escrituras no imaginário do clérigo.
- 21 O Flaviense não deixa de inscrever neste universo de referências mentais, dominado pela manifestação de profecias que se materializam sob a forma de acontecimentos terríficos, um conjunto de prodígios relativos à esfera natural – com particular incidência para os eclipses solares e lunares, o surgimento inesperado de cometas ou os efeitos destruidores de terramotos, vistos como epifenómenos catastróficos conotados com o desregramento das condutas humanas e a intervenção da Providência divina, por vezes sob a mediação dos santos –, cuidadosamente registados como signos prenunciadores de episódios funestos. No prodígio que encerra o seu tenebroso relato, o autor reconhece a presença de

letras hebraicas, gregas e latinas, inscritas em quatro peixes, de aparência extraordinária, pescados por cristãos piedosos em San Cibrán das Las, em plena bacia do rio Minho³⁸.

- 22 Com base no que expusemos anteriormente, estamos, portanto, em condições de afirmar que Hidácio de Chaves representa um modelo de produção letrada característico de um contexto de excepção na Galécia do século V. As fontes que o autor cita, directa ou indirectamente, ao longo da sua narrativa revelam bem o esforço de leitura e actualização de conhecimentos a que se entregou durante o seu episcopado. Apesar de não ser hoje possível precisar com rigor o seu percurso biográfico, sobretudo durante a sua juventude, as informações de que dispomos são suficientes para se poder dizer que Hidácio tinha ao seu alcance os instrumentos culturais e intelectuais necessários não só à concepção e redacção de um texto dotado de uma certa densidade narrativa, mas também ao desempenho das funções inerentes a um membro da hierarquia eclesiástica. O bispo, que fala no prólogo da sua obra de um processo de formação diferenciado para as ciências profanas, por um lado, e as ciências sagradas, por outro, não só conhecia os autores da época clássica, como chegou a comparar os seus escritos com os de outros autores seus contemporâneos. Revela-se também conhecedor dos textos bíblicos, e, em particular, das profecias de Daniel, da mesma maneira que nos dá indícios de uma cultura, nem sempre clara e objectiva, sobre os Padres das Igrejas ocidental e oriental.
- 23 Se é difícil saber-se se Hidácio conhecia o Grego, não há dúvidas relativamente ao facto de grande parte dos autores citados ao longo da sua narrativa terem redigido as respectivas obras em Latim. Estes autores, entre os quais cumpre destacar Jerónimo, Sulpício Severo, Paulino de Nola e Agostinho de Hipona – ao primeiro dos quais o Flaviense chega a atribuir parte da sua própria inspiração enquanto historiógrafo –, são suficientes para que se possa falar de Hidácio como uma personalidade dotada de um certo nível de formação literária, susceptível de lhe ter fornecido as bases necessárias à escrita de uma obra de cariz historiográfico na periferia do território hispânico, longe dos principais palcos do poder político³⁹, mas suficientemente próxima de Braga, a ponto de captar uma imagem desta cidade como o mais importante núcleo de irradiação cultural da sua província de origem⁴⁰.
- 24 Neste caso em particular, interessa-nos, por fim, destacar o papel que a cidade teve logo depois da instalação das populações bárbaras na província, entre 409 e 411⁴¹. Com efeito, a ocupação de Braga e do seu território é um facto atestado desde o primeiro momento das grandes etnomigrações. Hidácio diz-nos que o vigário Maurocelo se dirigiu ao aglomerado urbano em 420, no quadro das oposições militares entre os Vândalos e os Suevos pelo controlo da Galécia. O silêncio que recai sobre a cidade é notório a partir daí⁴², sobretudo se considerarmos o facto de se tratar da sede eclesiástica da província a que o próprio Hidácio, enquanto bispo de Chaves, se encontrava vinculado. Nas primeiras décadas do século V, os Suevos aparentemente exerciam controlo sobre o aglomerado urbano, sendo as diferentes campanhas militares dirigidas pelos Visigodos contra Braga reflexo da sua condição privilegiada como palco da luta pelo poder político no Noroeste hispânico.
- 25 O cronista, no entanto, é parco em detalhes sobre os acontecimentos ocorridos na cidade⁴³. Ainda assim, não deixa de nos falar da participação de outros aglomerados populacionais da província, entre os quais destaca Astorga, como cenários de uma conjuntura instável. É neste quadro que devemos compreender a imagem cronística que constrói em torno de Braga, associada a mecanismos de poder que, na primeira metade do século V, estão ainda longe de configurar um quadro de sustentação da cidade como sede régia, mesmo que nela se movimentassem personagens ligadas à monarquia suévica. A falta de um acordo

de federação que legitimasse a situação da monarquia, ao contrário do que então se verificava com os Visigodos, aliados de Roma, fez do Noroeste hispânico, e da corte suévica em particular, o destino de duas embaixadas chefiadas pelo conde Censório, em 432 e 437, com o objectivo de encetar negociações de paz que acabaram por inaugurar um período de relativa estabilidade nas relações entre os Suevos e Romanos. Mas foi também responsável, sobretudo a partir de 438, pelo lançamento de várias ofensivas militares, sob o comando de Réquila⁴⁴, nas províncias da Lusitânia e da Bética, de que resultou a tomada de Mérida, em 439, e de Sevilha, em 441.

- 26 Estes acontecimentos abriram caminho a uma reorientação dos eixos de poder e influência territoriais da monarquia suévica, bem patente no facto de a morte de Réquila ter ocorrido em Mérida e de terem sido lançadas a partir daí, sob o comando de seu filho e herdeiro, Requiário⁴⁵, novas incursões na Bética. Aparentemente, o controlo desta cidade representava mais do que uma simples etapa da expansão militar suévica: Mérida era, pelo menos teoricamente, a sede do vigário da Hispânia, pelo que do seu controlo decorria a possibilidade de se alargar a área de influência dos caudilhos militares bárbaros sobre as restantes províncias peninsulares, em especial a Cartaginense e a Tarraconense. A consolidação do seu domínio sobre uma ampla área, que compreendia basicamente a faixa atlântica peninsular, com os seus naturais prolongamentos em direcção ao interior, proporcionava à monarquia um reconhecimento temporário da sua situação, que poderia mostrar-se favorável à sua penetração em direcção ao interior serrano. A aliança estratégica entre Suevos, Visigodos e Romanos foi selada pelo casamento de Requiário com a filha de Teodorico, em 449, e reforçada poucos anos depois pela apresentação à corte suévica das embaixadas lideradas, em 452, pelos legados imperiais, Mansueto e Frontão, e, em 454, por Justiniano, no quadro do assassinio de Aécio por Valentiniano III, após o qual a paz foi, por fim, negociada.
- 27 O silêncio do cronista impede-nos de conhecer ao certo os termos em que se fixaram estes acordos, embora a situação vivida na época nos sugira uma hipótese explicativa: a necessidade de redefinição das áreas de influência afectas às populações hispânicas. Na sequência destes acordos, o Ocidente peninsular e, mais concretamente, a região compreendida entre a Galécia e a Lusitânia, aos quais provavelmente deve juntar-se também a parte ocidental da província da Bética, foram reconhecidos como territórios de jurisdição da monarquia suévica. A resolução, contudo, deve ter-se mostrado efémera: poucos anos depois dos acordos que levaram ao reconhecimento explícito da soberania suévica sobre este território com fronteiras definidas, a entrada dos exércitos visigóticos pôs em causa a estabilidade mantida sob os efeitos de uma paz negociada. O repentino avanço dos exércitos suévicos sobre as províncias da Cartaginense e da Tarraconense, em 456, não obstante o lançamento de novas tentativas de mediação do conflito por via diplomática pelas autoridades visigóticas e romanas, no sentido de se assegurar a manutenção dos acordos de paz celebrados com o Império, foi um dos factores responsáveis pela ruptura da aliança e o início do retrocesso territorial da monarquia, acompanhados pela subsequente intervenção dos exércitos inimigos nos pontos nevralgicos da Galécia suévica.
- 28 Neste passo, importa sublinhar que Braga ainda não é para Hidácio de Chaves a capital do reino suévico. Para o autor, Braga era uma cidade cristã, e, sobretudo, uma cidade romana. Não é fácil compreender as razões que levaram o autor a construir esta imagem do aglomerado urbano, mas estas podem talvez relacionar-se com a conjuntura de instabilidade vivida na província, a que o cronista, como é evidente, não estava alheio. O

encadeamento dos factos narrados ao longo do texto parece apontar nesse sentido: a derrota dos Suevos na batalha do rio Orbigo, em 455⁴⁶; o saque de Braga, ainda neste ano⁴⁷; e a captura de Requiário no Porto, acompanhada pela execução dos partidários da política régia, em 456⁴⁸, foram, nas suas palavras, acontecimentos que marcaram o derradeiro colapso da monarquia suévica, depois da sua entrada na Hispânia cerca de quarenta e cinco anos antes. Após a execução de Requiário, os Visigodos, sob o comando de Teodorico, dirigiram-se para a Lusitânia, com o objectivo de conquistar Mérida, cidade protegida pela mártir Santa Eulália. É hoje difícil saber-se ao certo, apenas com base nas palavras de Hidácio, se os Suevos tiveram algum protagonismo nesta empresa. O facto é que a antiga capital da província da Lusitânia deixou de pertencer a partir de então à história suévica.

- 29 Ainda antes do seu regresso à Gália, os exércitos visigóticos realizaram várias incursões militares noutras localidades do território hispânico. Com o apoio de Roma, Astorga foi saqueada por Teodorico, em 457⁴⁹. A descrição da efeméride é feita em moldes muito semelhantes à de Braga. Nos anos seguintes, várias facções de resistentes da monarquia suévica lutaram pelo controlo do Noroeste hispânico. Nenhuma notícia aponta para a função desempenhada por Braga nesta conjuntura, embora efemérides pouco posteriores sugiram um quadro de restabelecimento da autoridade suévica sob a égide de Remismundo, o principal restaurador da soberania unificada sobre as populações resistentes. Este facto, ao marcar um período de revitalização e consolidação do reino, teve lugar por volta de 465, embora com contornos que nos são hoje praticamente desconhecidos: ao interromper-se em 469, a narrativa não contempla o contexto histórico em que Braga, como sede régia e metrópole eclesiástica da província da Galécia, se terá afirmado como principal núcleo político e eclesiástico da monarquia suévica, décadas antes da sua anexação pela monarquia visigótica de Toledo⁵⁰.
- 30 A leitura que Hidácio faz do saque de Braga pelas hostes de Teodorico é, por conseguinte, fundamental quando se procura compreender o quadro de referências culturais em que o autor se movimenta. Na passagem que consagra ao episódio⁵¹, Hidácio adopta uma tonalidade discursiva apocalíptica, que aproxima de outras perícopes cronísticas, em especial a que retrata a entrada de Suevos, Vândalos e Alanos na Hispânia, a ponto de associar este episódio ao da destruição de Jerusalém. A ideia subliminar de catástrofe parece estar patente no facto de o episódio ter ocorrido num domingo. Os exércitos visigóticos reduziram um grande número de romanos à condição de reféns; destruíram as basílicas dedicadas aos santos e os respectivos altares; raptaram, embora não tendo violado, jovens entregues aos mistérios divinos; despojaram os clérigos do seu aparato até aos limites do pudor, tal como a população, independentemente do sexo e da idade, que se tinha refugiado no interior das igrejas; e levaram o gado a profanar os lugares mais sagrados da cidade. Esta imagem, construída com base numa enumeração gradativa de actos sacrílegos, exprime uma condenação relativamente à acção dos exércitos visigóticos, que, embora agindo ao serviço da causa imperial, tinham atentado contra a ordem estabelecida, em vez de se limitarem a libertar a cidade do ilegítimo domínio suévico. Como se compreende, a condenação não faria sentido, se a cidade não fosse ainda vista por Hidácio como um reduto do simbólico prestígio das autoridades romanas.

NOTAS

1. A título geral, veja-se Casimiro Torres Rodríguez, *El reino de los Suevos*, s.l., Fundación Barrié de la Maza, MCMLXXVII; actualizado à luz de Pablo C. Díaz, *El reino suevo (411-585)*, Madrid, Ediciones Akal, 2011. Dois dos mais recentes trabalhos sobre o cronista hispânico devem-se a César Candelas Colodrón (*O cronicón de Hidacio, bispo de Chaves*, Noia, Editorial Toxosoutos, 2004; e *O mundo de Hidacio de Chaves*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 2006). Sob o ponto de vista que nos interessa analisar neste artigo, vejamos, em especial, Pablo C. Díaz, *El reino...*, pp. 35-46; e Salvador Crespo Matellán, «Las lecturas de Hidacio de Chaves. Notas sobre la recepción literaria en la Gallaecia del s. V», *Minerva. Revista de filología clásica*, n.º 6, 1992, pp. 241-256.
2. O mais recente trabalho em que se efectua o «estado da questão» sobre este assunto deve-se a Manuel Justino Maciel («From Late Antiquity to the Early Middle Ages», in *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)* [José Mattoso, director; Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Maria João Branco, editors], Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2011, pp. 529-545).
3. Sobre a conjuntura que enquadra o relato cronístico do Flaviense, veja-se, por todos, Guy Halsall, *Barbarian Migrations and the Roman West, 376-568*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 220-256 (a título de sínteses sobre a época, vejamos: Pierre Riché e Philippe Le Maître, *Les Invasions barbares*, Paris, Presses Universitaires de France, 2003; e Magali Coumert e Bruno Dumézil, *Les Royaumes barbares en Occident*, Paris, Presses Universitaires de France, 2010).
4. Vejamos Henri-Irénée Marrou, *Storia dell'educazione nell'Antichità*, Roma, Edizioni Studium, 1994, pp. 411-429 e 431-442; e Pierre Riché, *Éducation et culture dans l'Occident barbare. VI^e-VIII^e siècles*, Paris, Éditions du Seuil, 1995, pp. 21-47.
5. Hidácio de Chaves, *Crón.*, [Prefácio], §1 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 100; cf. t. II, Paris, 1974, p. 7, [Prefácio], §1).
6. Vejamos Pablo C. Díaz, *El reino...*, pp. 46-55 e 55-68.
7. Alain Tranoy, «Introduction», t. I, Paris, 1974, pp. 59-60.
8. Alain Tranoy, «Introduction», t. I, Paris, 1974, p. 60.
9. Vejamos Franz Brunhölzl, *Histoire de la littérature latine du Moyen Âge*, t. I: *De Cassiodore à la fin de la renaissance carolingienne*, vol. 1: *L'Époque mérovingienne*, Lovaina-a-Nova, Brepols – Université Catholique de Louvain/Institut d'Études Médiévales, 1990, pp. 71-114 e 254-266.
10. Hidácio de Chaves, *Crón.*, [Abertura] (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 98; cf. t. II, Paris, 1974, p. 7, [Abertura]).
11. Vejamos Alain Chauvot, «Images positives, images négatives des Barbares dans les sources latines à la fin du V^e siècle et au début du VI^e siècle après J.-C.», in *Clovis. Histoire & mémoire* (Actes du Colloque international d'histoire de Reims; sous la direction de Michel Rouche), *Clovis et son temps, l'événement*, Paris, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1997, pp. 3-14; e Josep Vilella, «Idacio, un cronista de su tiempo», *Compostellanum*, vol. XLIV, n.ºs 1-2, Janeiro-Junho de 1999, pp. 39-54.
12. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §2 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 100; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 7-8, §2). Registe-se que, a 26 de Janeiro de 959, se faz eco da presença desta obra, provavelmente na tradução latina de Rufino de Aquileia, na região de Entre-Douro-e-Minho, mais especificamente no mosteiro de Santa Maria de Guimarães, por doação da condessa Mumadona Dias de Portucale a esta comunidade monástica (DC 76, de 959.01.26: «Istoria ecclesiastes»).

13. Hidácio de Chaves, *Crón.*, [Prefácio], §2 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 100, §2; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 7-8, [Prefácio], §2); com referências paralelas em *Crón.*, 3 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, pp. 98, 100 e 102; cf. t. II, Paris, 1974, p. 7, [Abertura]). Sublinhe-se que uma obra de Jerónimo, contendo provavelmente as continuações de Genádio de Marselha, Isidoro de Sevilha e Ildefonso de Toledo, se encontra igualmente atestada a 26 de Janeiro de 959 no mosteiro de Santa Maria de Guimarães, por doação da condessa Mumadona Dias de Portucale (DC 76, de 959.01.26: «uirorum illustrorum»).
14. Veja-se Suzanne Teillet, *Des Goths à la nation gothique. Les origines de l'idée de nation en Occident du V^e au VII^e siècle*, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1984, pp 227-239, em especial p. 239.
15. Não obstante, veja-se César Candelas Colodrón, «Hidacio, ¿obispo de Chaves? Iglesia, territorio y poder en el siglo V», *Gallaecia*, n.º 21, 2002, pp. 287-294.
16. Veja-se Ramón Teja, «La cristianización de los ideales del mundo clásico. El obispo», in *Emperadores, obispos, monjes y mujeres. Protagonistas del Cristianismo antiguo*, Madrid, Editorial Trotta, 1999, pp. 75-95.
17. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §38 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 114; cf. t. II, Paris, 1974, p. 33, §38).
18. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §40 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 114; cf. t. II, Paris, 1974, p. 34, §40).
19. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §§42-49 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, pp. 114, 116 e 118; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 34-42, §§42-49).
20. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §62^b (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 122; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 50-51, §62^b).
21. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §40 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 114; cf. t. II, Paris, 1974, p. 34, §40).
22. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §40; com referências paralelas em *Crón.*, 3 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, pp. 102 e 114; cf. t. II, Paris, 1974, p. 34, §40).
23. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §106 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 132; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 70-71, §106).
24. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §96; com referências paralelas em *Crón.*, 98 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 130; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 65-66, §§96 e 98). Vejam-se Margarita Vallejo Girvés, «Relaciones del reino visigodo de Tolosa con el imperio. El papel de las embajadas», *Arqueología, paleontología y etnografía*, vol. 4: *Jornadas internacionales «Los Visigodos y su mundo»* (Ateneo de Madrid, Noviembre de 1990), 1997, pp. 71-79; e Ramón Teja, «Auctoritas vs. Potestas. El liderazgo social de los obispos en la sociedad tardo-antigua», in *Emperadores, obispos, monjes y mujeres. Protagonistas del Cristianismo antiguo*, Madrid, Editorial Trotta, 1999, pp. 97-107.
25. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §109 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 134; cf. t. II, Paris, 1974, p. 73, §109).
26. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §145 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 144; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 89-91, §145).
27. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §5 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 106; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 13-14, §5).
28. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §37^a (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 114; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 32-33, §37^a). Registe-se que, a 26 de Janeiro de 959, se faz eco da presença desta obra na região de Entre-Douro-e-Minho, mais concretamente no mosteiro de Santa Maria de Guimarães, por doação da condessa Mumadona Dias de Portucale a esta comunidade monástica (DC 76, de 959.01.26: «uita beati martini episcopi»).
29. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §73 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 124; cf. t. II, Paris, 1974, p. 55, §73).

30. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §130 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 140; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 82-83, §130).
31. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §135 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 140; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 84-85, §135).
32. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §32 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 112; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 27-30, §32).
33. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §13^b; com referências paralelas em *Crón.*, 16 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 108; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 18-23, §13^b e 16).
34. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §57 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 120; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 46-47, §57).
35. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §118 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 136; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 76-77, §118).
36. Sobre o processo de conversão da monarquia ao Catolicismo e as implicações políticas daí decorrentes, muito especialmente para o reino suévico de Braga, veja-se Casimiro Torres Rodríguez, *El reino...*, pp. 92-110; e Bruno Dumézil, *Les Racines chrétiennes de l'Europe. Conversion et liberté dans les royaumes barbares, V^e-VIII^e siècles*, Paris, Librairie Arthème Fayard, 2005, pp. 270-274.
37. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §174 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 154; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 104-105, §174). É a Pablo C. Díaz, «El reino suevo de Hispania y su sede en Bracara», in *Sedes regiae (ann. 400-800)* (Gisela Ripoll y Josep M. Gurt, eds., con la colaboración de Alexandra Chavarría), Barcelona, Reial Acadèmia de Bones Lletres, 2000, pp. 403-423, que se deve o mais recente e actualizado trabalho sobre a antiga capital da província da Galécia na Antiguidade Tardia.
38. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §253 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 178; sobre o significado desta aparição, cf. t. II, Paris, 1974, pp. 127-128, §§252-253). Veja-se Casimiro Torres, «Las supersticiones en Hidacio», *Cuadernos de estudios gallegos*, t. XI, fasc. XXXIV, MCMLVI, pp. 181-203; Richard Landes, «Millenarismus absconditus. L'historiographie augustinienne et le millénarisme du Haut Moyen Âge jusqu'à l'An Mil», *Le Moyen Âge. Revue d'histoire et de philologie*, t. XCVIII (5.^a série, t. 6), n.^{os} 3-4, 1992, pp. 355-377; e Luis A. García Moreno, «Expectativas milenaristas y escatológicas en la España tardoantigua (ss. V-VII)», *Arqueología, paleontología y etnografía*, vol. 4: *Jornadas internacionales «Los Visigodos y su mundo»* (Ateneo de Madrid, Noviembre de 1990), 1997, pp. 247-258.
39. Veja-se Gisela Ripoll, «*Sedes regiae* en la Hispania de la Antigüedad Tardía», in *Sedes regiae (ann. 400-800)* (Gisela Ripoll, Josep M. Gurt, eds., con la colaboración de Alexandra Chavarría), Barcelona, Reial Acadèmia de Bones Lletres, 2000, pp. 371-401.
40. Veja-se Jorge López Quiroga, *El final de la Antigüedad en la Gallaecia. La transformación de las estructuras de poblamiento entre Miño y Duero (siglos V al X)*, s.l., Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004, pp. 73-78 (com o complemento de pp. 149-173); e Pablo C. Díaz, «El reino...», pp. 403-423.
41. Veja-se César Candela Colodrón, «“Plebs” y aristocracia en el *Cronicón* de Hidacio. La organización política hispanorromana en el siglo V», *Polis. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 13, 2001, pp. 129-139.
42. Veja-se Margarida Simões, «Os silêncios de Idácio», *Cultura - História e filosofia. Publicação anual do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa*, vol. VII, 1993, pp. 79-87.
43. Veja-se Pablo C. Díaz, *El reino...*, pp. 126-138.
44. Veja-se Casimiro Torres Rodríguez, *El reino...*, pp. 83-91; e Pablo C. Díaz, *El reino...*, pp. 75-78.
45. Veja-se Casimiro Torres Rodríguez, *El reino...*, pp. 111-146; e Pablo C. Díaz, *El reino...*, pp. 78-83.
46. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §173 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 154; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 103-104, §173).
47. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §174 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 154; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 104-105, §174).

48. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §175 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 156; cf. t. II, Paris, 1974, p. 105, §175).
49. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §186 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, pp. 158 e 160; cf. t. II, Paris, 1974, p. 109, §186).
50. Veja-se Casimiro Torres Rodríguez, *El reino...*, pp. 261-266.
51. Hidácio de Chaves, *Crón.*, §174 (ed. Alain Tranoy, t. I, Paris, 1974, p. 154; cf. t. II, Paris, 1974, pp. 104-105, §174).
-

RESUMOS

O objectivo deste artigo é apresentar um conjunto de reflexões sobre o imaginário literário de Hidácio, bispo de Chaves, na conjuntura política da província hispânica da Galécia, durante o século V.

The aim of this essay is to present a series of reflections concerning the literary imaginary of Hydatius, bishop of Aquae Flaviae, in the political context of the Hispanic province of Gallaecia, during the 5th century.

ÍNDICE

Keywords: Hidácio de Chaves, early Middle Ages, history of Gallaecia, history of the Catholic Church

Palavras-chave: Hidácio de Chaves, baixa Idade Média, história da Galécia, história da Igreja

AUTOR

MÁRIO DE GOUVEIA

Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Nasceu em Vitória (Brasil), em 1977. É licenciado em História/Arqueologia (2000), mestre em História Medieval (2008) e doutorando em História Medieval (desde 2008) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Desempenhou funções como Assistente Convidado no Departamento de História da FCSH-UNL (2002-2011), tendo vindo a participar regularmente como comunicante em reuniões científicas de âmbito nacional e internacional, bem como a publicar ensaios na sua área de especialização académica, que foca sobretudo a história dos condados da fronteira ocidental do reino de Astúrias-Leão na Alta Idade Média (séculos IX-XII). É actualmente Membro do Instituto de Estudos Medievais da FCSH-UNL e Coordenador de Projecto da Fundação Calouste Gulbenkian.

Born in Vitória (Brazil) in 1977. BA in History/Archeology (2000), MA in Medieval History (2008), PhD Student on Medieval History (since 2008) from the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Invited Assistant at the Department of History (2002-2011),

participant at several national and international scientific events, author of academic essays mostly on the history of the 'counties situated on the occidental boardline of the Kindgdom of Asturias in the High Middle Ages (IXth-XIIth AC), he's actually a Member of the Instituto de Estudos Medievais from the FCSH-UNL e Research Coordinator at the Fundação Calouste Gulbenkian.